

POR GIOVANNA FISCHBORN

Quando criança, Thayná Cristyne Araújo Marques fazia vestidos para suas bonecas Polly usando sobras de cetim e fita adesiva. Mais tarde, inspirada por filmes adolescentes, começou a gostar do estilo alternativo, já anunciando a afinidade por moda. A primeira vez que costurou foi aos 17 anos, ainda um pouco insegura ao usar a máquina.

Thay, como prefere ser chamada, tem diagnóstico de transtorno do espectro autista (TEA), mas isso não é um impedimento para evoluir na área que escolheu seguir carreira. Na verdade, o distúrbio do neurodesenvolvimento a faz questionar a presença rasa de pessoas neurodiversas e com deficiência na moda — e serve de inspiração.

Ela trouxe críticas importantes sobre capacitismo para o 2º Desafio Sou de Algodão + Casa de Criadores, cuja proposta foi fomentar a sustentabilidade e dar espaço a novos designers. A iniciativa reuniu estudantes de moda de todo o Brasil. Thay, hoje com 21 anos, egressa da Universidade Paulista (Unip), foi uma das finalistas, representando a região Centro-Oeste pelo Distrito Federal.

“Respeite pessoas autistas” e “Não sou um alvo fácil” estamparam peças fluidas e coloridas como parte da coleção de sua marca, a Tulipa Designer. As roupas falam muito sobre a própria criadora. Não à toa, um dos objetivos foi mostrar a pessoa autista em lugar ativo e fugir do estereótipo do “anjo azul”, termo usado para se referir a quem tem TEA — criticado por dar a impressão que o autista é inocente, infantil e por invisibilizar uma parte deles, porque o “azul” reforça a prevalência em meninos. “A mensagem que deixo para o público é que nem a moda nem a sociedade vão se livrar de nós.”

Produção

Os seis looks voaram de Brasília a São Paulo, onde aconteceu a final. Foi a primeira vez de Thay na cidade. Ela lembra que era muito para assimilar: os últimos ajustes nos modelos e a ansiedade da apresentação se somavam à inquietação da capital. Como precisou conciliar os estudos com a produção das peças, recebeu uma mãozinha da mãe, Fátima Celeste, nos preparativos.

Aliás, o clima nos bastidores era tão amigável que a matriarca ajudou também os outros futuros estilistas. “Estávamos um torcendo pelo outro”, recorda Thay. Os laços que construiu com os sete demais finalistas foi um dos maiores legados dessa experiência, segundo ela.

Estilista brasileira usa a própria experiência enquanto pessoa autista para jogar luz sobre a necessidade de inclusão e respeito na moda

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Vista a diversidade

Um dos requisitos do Desafio era que o algodão precisava compor, ao menos, 85% dos looks. Thay surpreendeu e fez a coleção inteira com a fibra natural: “Sou encantada pelo algodão. É elegante, confortável e versátil”, descreve.

Definir a vida profissional não é algo simples, ainda mais nessa idade. Para Thay, a

decisão foi facilitada com o tempo de faculdade e, mais recentemente, por causa do desfile. Costurar virou terapia e, agora formada, ela está se consolidando cada vez mais na profissão de designer de moda. Não exclui, porém, a possibilidade de ainda estudar artes cênicas, uma outra paixão.